

A atual extensão universitária brasileira é expressão das transformações da própria universidade. A edificação desta foi espelhada nos modelos europeus e/ou com certa influência estadunidense, um espaço que por tradição se mantinha afastado do mundo “*fora dos seus muros*”. Na medida em que este modelo foi questionado, a extensão como parte do processo teve seu lugar reservado. Sua origem inicia-se de forma tímida, ainda na primeira parte do século XX, como uma iniciativa de aproximação da Universidade com a Sociedade, seja com foco na prestação de serviço, seja como forma de divulgação e difusão do conhecimento acadêmico. Na segunda parte do século XX, o envolvimento político de estudantes na definição dos rumos da universidade brasileira deu à extensão universitária novas abordagens e as conceituações mais progressistas tiveram ambiente para se desenvolverem. Críticas à concepção de extensão como sinônimo de estender o conhecimento de forma unidirecional foram sendo questionadas e formas mais dialógicas foram apresentadas. Este contexto, juntamente com o protagonismo do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), contribuiu significativamente para um novo olhar sobre a concepção da extensão que, em 2012, foi assim definida pelo fórum: “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”. Não há dúvidas quanto à contribuição da extensão para a formação profissional e continuada, seja para estudantes, seja para docentes, assim como da sua importância no processo de transformação social nos territórios nos quais se realizam as suas ações. Do ponto de vista do estudante destaca-se: o aspecto cognitivo, valorativo, atitudinal e procedimental, desencadeado pelo engajamento político e social nas realidades vivenciadas, que lhes permitem desenvolver habilidades de toda sorte, seja a oralidade, a escrita, a percepção, a observação, a disposição para o trabalho coletivo e multidisciplinar, a experiência profissional, entre outras; para o docente, a oportunidade de substituir o ensino bancário pelo dialógico, a hierarquia pela horizontalidade, o acúmulo de experiências empíricas que à luz das teorias iluminam as primeiras e transformam a segunda e, é claro, o engajamento político e social incorporado a sua profissionalidade, entre outros; para a sociedade, a troca de experiências, saberes, conhecimentos e tecnologias que certamente poderão ser instrumentos de resolução de problemas e busca de alternativas para situações concretas. Este processo estudante-docente-sociedade em diálogo colaborativo e em espiral suscita um conjunto de indagações próprias do interesse da investigação científica. Uma pesquisa recente sobre a produção científica na extensão (Coelho, 2014) revelou que as publicações em extensão no Brasil têm a seguinte característica: artigos teóricos e de opinião sobre a extensão; relatos de experiência na extensão; artigos de pesquisa sobre a prática extensionista. Ao fazer a análise crítica da natureza dos artigos publicados, o autor chama-nos atenção para a importância do registro, da reflexão, e do avanço que podemos alcançar ao socializar os resultados das ações extensionistas, seja pela troca de experiência entre os interessados, seja por evitar o esforço desnecessário em matérias já esgotadas por outrem. Neste sentido, entendemos que a Revista Conexão está no caminho almejado pelos extensionistas e, ao mesmo tempo, necessário para o avanço da extensão na sua dimensão científica, artística, interdisciplinar, cultural e política, para que possamos cada vez mais garantir o caráter educativo e transformador da extensão universitária.